

7ª REUNIÓN DE TRABAJO DE ESPECIALISTAS EN MAMÍFEROS ACUÁTICOS
DE AMÉRICA DEL SUR

1er CONGRESO DE LA SOCIEDAD LATINOAMERICANA DE ESPECIALISTAS
EN MAMÍFEROS ACUÁTICOS



SOCIEDAD LATINOAMERICANA DE
SOLAMAC
ESPECIALISTAS EN MAMIFEROS ACUATICOS

PROGRAMA Y RESÚMENES

22-25 OCTUBRE 1996 - VIÑA DEL MAR - CHILE

Orcinus orca EM ÁGUAS COSTEIRAS DO RIO DE JANEIRO.

Liliane Lodi & Bia Hetzel.

Projeto Golfinhos. Caixa Postal 14521. cep 22412-970. Rio de Janeiro, Brasil.

Através de observações pessoais e informações confiáveis reportadas por colaboradores treinados pelo Projeto Golfinhos, entre 22 de outubro de 1992 e 22 de fevereiro de 1996, em dez diferentes ocasiões, foram avistadas 47 *Orcinus orca* entre a Ponta da Trindade (23°22'S 44°44'W) e Búzios (22°44'S 41°52'W), incluindo as localidades da Ponta da Juatinga, Ilha dos Meros, Ilha Rapada, Conceição de Jacaré, Aje da Marambaia, Barra da Tijuca e Ilhas Cagarras. Metade desses registros ocorreu na Baía da Ilha Grande, litoral sul. Do total de avistagens, 60% ocorreram na primavera, 30% no inverno e 10% no verão. O tamanho dos grupos variou de 1 a 10, com uma média de 4,7 indivíduos por grupo. Filhotes estavam presentes em 40% das avistagens. Em 7 ocasiões machos adultos foram avistados nos grupos. A presença de *O. orca* em águas costeiras e rasas do Rio de Janeiro foi sempre associada ao mau tempo e/ou à água fria. Embora não tenham sido notadas evidências diretas de pesca, em três distintas ocasiões registrou-se a presença de possíveis presas próximas aos grupos de orcas: peixe-espada (*Trichiurus lepturus*), olhete (*Seriola lalandi*) e raia-manteiga (*Dasyatis americana*). Em fevereiro de 1996 foi observado um grupo de 10 orcas predando um cardume de raias-jamantas (*Manta birostris*) na Ponta da Trindade. Pescadores informaram que, durante as competições de pesca oceânica para captura de dourado (*Coryphaena hippurus*) e agulhão-de-vela (*Istiophorus americanus*) praticadas nos meses de verão, a mais de 30 milhas náuticas da costa entre Maricá e Saquarema, as orcas tem o costume de seguir as embarcações. O padrão de uso das águas do Rio de Janeiro ainda não está claro. No entanto, *O. orca* é provavelmente fiel a um amplo território com um raio de ação exploratória por sua produtividade e, depois do primeiro registro de *O. orca* no Rio de Janeiro (Cabo Frio, 1981), somente onze anos mais tarde a ocorrência da espécie é novamente reportada na região. Após 1992, verificase um incremento considerável do número de avistagens da espécie, o que pode ter sido reflexo de um maior esforço de observação.

INTERAÇÃO ENTRE CETÁCEOS E EMBARCAÇÕES NA BAÍA DA ILHA GRANDE

Bia Hetzel, Liliane Lodi e Cristina Gomes Fonseca.

Projeto Golfinhos. Caixa Postal 14521. cep 22412-970. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

A Baía da Ilha Grande (23°05'S 44°00'W; 23°16'S 44°30'W) tem intensa atividade turística e de pesca, com mais de 4.000 embarcações em operação. Foi analisada a interação entre os cetáceos e as embarcações de pesquisa e levantadas as interações com embarcações de pesca e turismo e com mergulhadores. As interações foram classificadas como *positivas* (P), *negativas* (N) e *indiferentes* (I). Entre dezembro de 1990 e agosto de 1996 houve 33 cruzeiros para levantamento de cetáceos. Os barcos utilizados foram lanchas (n=14), traineiras (n=12), escunas (n=5) e botes (n=2). Houve 54 avistagens: *Eubalaena australis* (n=6), *Balaenoptera acutorostrata* (n=1), *B. edeni* (n=6), *Orcinus orca* (n=6), *Globicephala cf. macrorhynchus* (n=1), *Stenella frontalis* (n=11), *Delphinus delphis* (n=7), *Tursiops truncatus* (n=4), *Steno bredanensis* (n=10) e *Sotalia fluviatilis* (n=2). Os comportamentos observados foram deslocamento (n=25), pesca (n=21), provável pesca (n=1) e descanso (n=7). Havia filhotes em 62,9% das observações. Os cetáceos tiveram reações P em 68,5% das interações, N em 20,3% e I em 11,2%. O tipo de interação foi independente do tipo de embarcação utilizada e do comportamento inicialmente observado. *G. cf. macrorhynchus*, *S. frontalis*, *D. delphis*, *T. truncatus* e *S. bredanensis* tiveram reações P. *B. edeni* teve reações P e I. *B. acutorostrata* teve reação I. *E. australis* teve reações N. *O. orca* e *S. fluviatilis* tiveram reações N e I. *B. edeni*, *O. orca*, *G. macrorhynchus*, *S. frontalis* e *S. bredanensis* aproximaram-se espontaneamente das embarcações. *T. truncatus* e *S. bredanensis* aproximaram-se de mergulhadores, enquanto *E. australis* e *O. orca* os evitaram. *E. australis* é a espécie mais molestada, principalmente em tentativas de "desencalhe". Em setembro de 1995, na Ilha da Cotia, uma embarcação de turismo colidiu com um filhote de *A. australis*. Molestamento causado por perseguição de embarcações foi observado para *S. frontalis*. Golfinhos são utilizados como indicadores de cardumes em atividades de pesca. Depois de cercar os cardumes (ocasionalmente ocorrem capturas acidentais) os pescadores afugentam os golfinhos com acelerações dos barcos, batidas de remos na água e arremessos de objetos. Uma vez que a grande maioria das interações é positiva, e que foram detectados casos graves de molestamento, torna-se necessário e urgente divulgar a legislação de proteção aos cetáceos e implementar uma ampla campanha educativa junto às embarcações de turismo e de pesca da região.

COMPORTAMENTO DE PESCA EM CETÁCEOS DA BAÍA DA ILHA GRANDE, RIO DE JANEIRO

Liliane Lodi, Bia Hetzel e Cristina Gomes Fonseca.

Projeto Golfinhos. Caixa Postal 14521. cep 22412-970. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Entre dezembro de 1990 e agosto de 1996, em 33 cruzeiros realizados para o levantamento de cetáceos e suas ameaças na Baía da Ilha Grande (23°05'S 44°00'W; 23°16'S 44°30'W) houve 18 observações oportunísticas de comportamento de pesca em: *Balaenoptera edeni* (n=1), *Stenella frontalis* (n=5), *Steno bredanensis* (n=4), *Tursiops truncatus* (n=2), pesca associativa entre *S. bredanensis* e *T. truncatus* (n=1), *Delphinus delphis* (n=4) e *Orcinus orca* (n=1). Em todos os pagastos os cetáceos foram observados pescando em enseadas ou próximos de ilhas e pontas, em águas rasas cujas profundidades variaram de 10 a 40 metros. Os animais realizaram manobras cooperativas bem coordenadas, cercando as presas e utilizando a costa como barreira. A realização de comportamentos aéreos, como saltos e batidas de cauda, foi observada em todos os odontocetos. Filhotes e juvenis estavam presentes em 77,8% das observações. Para *S. frontalis*, *S. bredanensis* e *O. orca* foram registrados eventos de caça onde indivíduos adultos, presumivelmente fêmeas, ensinavam os filhotes a pescar, indicando um claro processo de aprendizagem. Em 61% das observações os cetáceos encontravam-se em agregação alimentar multiespecífica com atobás-marrom (*Sula leucogaster*) e fragatas (*Fregata magnificens*). As espécies das presas que puderam ser seguramente identificadas foram: peixe-espada (*Trichiurus lepturus*) predado por *S. bredanensis*; parati e tainha (*Mugil spp*) predados por *S. bredanensis*, *S. frontalis* e *T. truncatus*; sardinha (*Sardinella spp*) predada por *S. frontalis*, *D. delphis* e *B. edeni*; e lula (*Loliginidae*) predada por *S. frontalis*. Todas as espécies das presas têm valor comercial. Em fevereiro de 1996, um grupo de 10 orcas foi observado predando um cardume de raias-jamanta (*Manta birostris*). Os locais onde os animais foram observados se alinhando coincidem com os principais pontos pesqueiros da baía. Golfinhos são utilizados na região como indicadores de cardumes. Há relatos de capturas acidentais em redes de espera e de cerco. Nos últimos 10 anos observou-se redução dos estoques pesqueiros na baía. Considerando-se que os deslocamentos da maioria das espécies de cetáceos parecem ser regulados pela variabilidade e disponibilidade de alimentos, o declínio da quantidade de pescado poderá, no futuro, afetar a distribuição de cetáceos na Baía da Ilha Grande.